

Julio Roberto Dunlop

CURSO FORÇADO

Les nations qui vivent de papier-
monnaie sont, quant au commerce et
quant à la puissance politique, réel-
lement inférieures aux autres.

THIERS.

SEGUNDA EDIÇÃO

augmentada com alguns artigos publicados
em 1886, na *Gazeta de Noticias*, do Rio.



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA LAEMMERT
1888

DO AUTOR

— *Estudo para a solução das questões do CAMBIO e do PAPEL-MOEDA no Brazil.* Rio de Janeiro, 1888, 3.^a edição.

— *Curso forçado.* Série de artigos editorialmente publicados pelo *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, para combater preconceitos economicos sobre a circulação inconvertivel, importação e exportação de mercadorias e do ouro, etc. Rio de Janeiro, 1888, 2.^a edição.

— *A Vida Escolar.* Traducção da conferencia do celebre oculista Dr. Liebreich, que deu em resultado a reforma dos moveis e disposição de luz nas escolas publicas da Inglaterra. Londres, 1877, 2.^a edição.

— *A Febre Amerella no Rio de Janeiro.* Memorial a S. Ex. o Ministro do Imperio conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida. Rio de Janeiro, 1876.

— *Efeitos da Lei de 28 de Setembro de 1871.* Este trabalho, publicado pelo *Paiz*, do Maranhão, a cujo illustrado redactor em chefe é offercido, merceu do *Diario Official*, de 6 de Abril de 1883, um longo e laudativo exame. Rio de Janeiro, 1884.

INDICE

Advertencia.....	5
A circulação fiduciaria e o ouro.....	13
A medida de valor e o cambio par.....	25
Alguns dos sacrificios resultantes da inconverti- bilidade do numerario papel.....	33
Um dos mais poderosos agentes na criação da riqueza.....	43
Importação e exportação.....	61
Communhão do Brazil nos grandes mercados monetarios, pela sua libertação do papel- inconvertivel... ..	101

ADVERTENCIA

Estes imperfeitos estudos, que de Londres remetti ao *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, que teve a bondade de publical-os, têm por fim expôr a verdade sobre um assumpto que os homens pensadores reconhecerão ser de grande importancia.

Possam taes estudos contribuir para derribar preconceitos, que tanto retardam o progresso deste immenso e fertillissimo paiz.

Os homens de merito são sempre indulgentes : reconhecem no primeiro lançar de olhos a bôa fé de quem trabalha ; e sem se importarem com a rudeza do estylo, no meio

mesmo dos erros da exposição, vão descobrir a verdade, que é uma só, e logo se apresenta intuitiva aos espiritos superiores.

Um desses preconceitos é julgar-se que devem as industrias commercial, agricola e manufactureira, e o proprio Governo, continuar a soffrer os desapontamentos resultantes das bruscas fluctuações do cambio entre o Brazil e os paizes estrangeiros, devidas tão sómente á actual circulação de *curso forçado*: « Vales á vista », que se dizem pagaveis no escriptorio da nação, o thesouro nacional, e que o não são.

Vêmos, infelizmente, muita gente esclarecida dizer que não é dahi que vem a depreciação da medida de valor brazileira, comparada com as moedas de valor intrinseco nacionaes ou estrangeiras, isto é, com os metaes preciosos.

Mas então por que não mostram algum paiz com numerario papel *convertivel* em ouro, onde o cambio tenha 30 % de differença como o actual ?

Já a Lei n. 59 de 8 de Outubro de 1833 tentára debalde impedir que elle descesse a menos de 43 $\frac{1}{3}$ d., elevando o preço nominal do ouro a 2\$500 réis por oitava, a vêr se pararia ahí a depreciação do papel-moeda, mas desde que se não abriu o trôço em ouro ás notas, e, pelo contrario, foram continuadas as emissões, sempre inconvertiveis, o resultado, como era de esperar, foi cada vez maior depreciação.

O cambio par era de 67 $\frac{1}{2}$ d. por 1\$000 até 1821 (se bem que já a excessiva quantidade de prata hespanhola, admittida por lei na circulação com valor nominal superior ao do mercado depois de receber um pequeno

carimbo do Governo, e que de facto se tornou o padrão monetario, expellindo o ouro, houvesse feito baixar o cambio a 54 d. e a menos), quando o primeiro Banco do Brazil suspendeu o pagamento das notas, em consequencia dos grandes adiantamentos que fizera ao Estado.

Dahi por diante ficaram as mesmas com curso forçado; e a medida de valor brasileira foi successivamente diminuindo, com as novas emissões inconvertiveis; variando no entretanto muitissimo, como sempre acontece quando se trata de um paiz extenso, e de morosas communicacões, sujeito ao regimen do papel-moeda.

De 67 $\frac{1}{2}$ d. já está a 21 d., e já mesmo esteve a 14 : decrescendo sempre a medida de valor; e nesta proporção quem sabe se algum dia irá parar em um *penny* ou em menos ?

No entanto, é preciso não esquecer o que disse o muito illustrado Visconde de Albuquerque, de saudosa memoria, na sessão do Senado de 10 de Julho de 1846 :

« Dar estabilidade ao meio circulante ; é este objecto digno da maior attenção ; todos os esforços se devem fazer para conseguil-o ; a sua realização é um grande golpe na immoralidade que grassa no paiz. E' sobre a fluctuação da moeda que se fazem muitas especulações immoraes. »

Estava o cambio do papel em relação ao ouro a 26 ³/₄ d. por 1\$000 réis, quando, em 17 de Junho de 1846, o senador Bernardo Pereira de Vasconcellos propôz a lei que foi promulgada em 11 de Setembro do mesmo anno, estabelecendo 27 d. para o cambio par, isto é, elevando novamente o valor nominal do ouro, desta vez a 4\$000 réis por oitava.

Se este illustre homem de Estado não viu a verdadeira causa de uma depreciação que continuava sempre, não obstante os artificios dos legisladores, que *decretavam* cambio par em vez de o fixarem pelo unico meio possivel, que é o cumprimento da promessa escripta nas notas (*), não se póde desconhecer o ter elle até certo ponto entrevisto o motivo da depreciação, decretando a retirada de parte do papel-moeda ; mas as fluctuações no valor deste são, como dissemos, successivas e bruscas, sobretudo n'um extenso imperio como é o Brazil ; e a prova teve-a logo o autor do projecto, pois que na data da promulgação da lei estava o

(*) Algumas pessoas têm a ingenuidade de pensar que são pagas as notas com outras notas, como se isso fóra differente do que se chama no commercio « reforma da letra. » A Caixa de Amortização troca uma nota velha por outra nova, mas isso não é pagal-a.

cambio acima do novo par decretado; o que não impediu que baixasse depois, para tornar a subir, e vice-versa.

Diz a referida lei :

« Art. 1º Do primeiro de Janeiro de mil oitocentos quarenta e sete em diante, ou antes, se fôr possível, serão recebidas nas Estações Publicas as moedas de ouro de vinte e dous quilates na razão de quatro mil réis por oitava, e as de prata na razão que o Governo determinar. Esta disposição terá logar nos pagamentos entre particulares.

Art. 2º O Governo é autorisado a *retirar da circulação a somma de papel-moeda, que fôr necessaria para eleva-lo ao valor do artigo antecedente*, e nelle conserval-o ; e para este fim poderá fazer as operações de crédito que fôrem indispensaveis. »

Rio de Janeiro, Maio de 1881.

J. R. DUNLOP.

A circulação fiduciaria e o ouro.

Seria por ventura a Inglaterra o banqueiro e o emporio commercial do mundo se a base do seu meio circulante fôra *papel inconvertivel* sujeito a constantes fluctuações de valor, de 20, 30, 40%?

A superioridade immensa de sua importação sobre a sua exportação não provém sómente dos grandes rendimentos que todos os annos lhe vêm de todos os paizes do mundo, onde os seus marinheiros, negociantes, engenheiros, contratadores, capitalistas, aportam; uns transportando a frete os productos do universo, pelo que são pagos com milhões ésterlinos annualmente;

14 *A circulação fiduciária e o ouro*

outros comprando e vendendo mercadorias produzidas não só na Inglaterra, mas em todas as regiões do globo; uns construindo os caminhos de ferro, as dócas, os aqueductos, as obras de mineração; outros emprestando dinheiro aos governos, ás cidades, ás companhias.

Não provém só dahi o saldo immenso (£ 120,000,000 annualmente) em favor da importação de productos estrangeiros, comparada com a exportação das suas manufacturas, mas tambem dos capitaes que repetidamente e de todas as partes do mundo aqui vêm abrigar-se nesta Inglaterra, onde existe solidez, não só politica, mas financeira e monetaria.

Do proprio florescente e rico Brazil, desse paiz tão cheio de futuro, muitos são os capitaes que para aqui emigram : exemplo, as

remessas do finado commendador Manoel de Aguiar Vallim, fazendeiro no Bananal, que tinha empregados em Inglaterra cêrca de mil contos; as remessas dos finados Antonio Pedroso de Albuquerque e Francisco Gomes dos Santos, da Bahia; e de muitos capitalistas do Rio de Janeiro, cujos nomes não citamos por se acharem vivos; mas é bem sabido que um grande numero de pessoas de reconhecida fortuna no Brazil, têm capitães em Londres.

A Inglaterra teve por necessidade papel inconvertivel, não do Estado, mas do Banco de Inglaterra, quando gastou £ 1,187,000,000 (*) com a guerra da primeira republica franceza e do imperio; quatro annos, porém,

(*) Browning. « Financial Condition of Great Britain » Londres 1834.

depois da paz de 1815, abriu aquelle banco o pagamento em ouro a todas as suas notas.

Tal era a convicção geral que este paiz se libertaria, logo que cessasse a guerra, desse estado irregular do seu padrão monetario, que na entrada dos alliados em Paris em 1814, subiram as notas do Banco de Inglaterra de 30% a só 8% de desconto. Baixaram novamente com a noticia do desembarque de Bonaparte em Cannes e da sua marcha sobre Paris; mas quatro annos depois de Waterloo estava restabelecida aquella base sagrada sem a qual não póde haver verdade nas transacções dos particulares, nem nos orçamentos das nações.

Da mesma sorte nos Estados-Unidos, esse colosso do norte, que daqui a 25 annos terá cem milhões de habitantes, e contará, antes de um seculo, uma população superior á

actual de toda a Europa ; essa nobre nação, émula do Brazil na America, grande como elle em territorio, na honradez com que mantém os seus contratos e no criterio com que dirige os seus negocios publicos e particulares ; sacudiu logo que pôde dos hombros esse jugo, essa vergonha do *papel inconvertível* ; que não seria só uma vergonha nacional, mas um grande embaraço, para a marcha firme e desassombrada em busca dos destinos grandiosos que reservou o Creador a esses dous paizes gigantes da mais bella e rica parte do globo.

Dizem muitos que os Estados-Unidos, se chegaram á eminente posição que occupam no grémio das nações, o devem em grande parte ás facilidades que lhes deu o seu immenso meio circulante, representado na maxima parte pela grande quantidade de

valores fiduciarios que existiam em circulação. E assim é. Um meio circulante barato e abundante dá grande vida a uma nação comprehendedora. O seu pulso bate com mais fôrça; e os seus commettimentos, embora algumas vezes pareçam por demais ousados, deixam sempre no character nacional aquella valentia que admiramos nos povos livres.

Mas, pondo de parte o periodo da sangrenta guerra que teve por fim uma reforma necessaria, na qual foi mais feliz o Brazil, todo esse meio circulante não provinha do Estado, nem este se envolvia nelle. Todo esse meio circulante provinha dos seus centenares de bancos, que commetteram erros, sem os quaes não é possivel formar-se um grande povo, mas que eram tão filhos da iniciativa particular como o são hoje os

centenares de bancos de emissão da Inglaterra, Escóssia e Irlanda, e os cheques dos particulares, que diariamente circulam nestes ultimos paizes, e que occupam com immensa vantagem o logar de sommas de ouro, dispendioso no seu custo e na sua guarda, e que seria impossivel obter na quantidade equivalente a essa circulação fiduciária tão salutar, das notas de banco e dos cheques.

Não provinha do Estado nada disto; nem essas notas de banco eram inconvertiveis. Os bancos emissores tinham por obrigação pagal-as em ouro aos portadores que assim o exigissem. Mas o ouro não é por estes ultimos tão procurado como muita gente suppõe.

Quem tem a certeza de o obter quando o deseje em troca da sua nota de banco, prefere pagar e receber por meio desta. Ha

só uma hypothese em que o ouro é procurado: é a *verdadeira* balança do commercio que a indica; e este fluxo e refluxo desse metal, que a circulação fiduciaria representa, é tão necessario e indispensavel como as marés do oceano. Elle vai para onde é procurado e volta donde não é mais preciso, para tornar a ir e tornar a voltar.

Está sujeito á lei economica da offerta e da procura como outra qualquer mercadoria. E' uma espécie de grão-senhor, cuja presença dá vigor aos seus representantes, a circulação fiducinaria. E anda assim viajando pelo mundo. Os seus representantes (notas e cheques) são em quantidade immensa em relação a elle. Mas é elle só que dá tom a todos e lhes mantém um valor estavel.

Se um governo declara que não precisa delle e dá curso forçado ás representantes do

ouro, isto é, ás notas; o ouro nesse paiz nada tem que fazer; e por conseguinte vai-se todo embora, deixando a circulação fiduciaria, semelhante á machina de vapor na officina, privada de regulador, isto é, sujeita a violentos e repetidos abalos, que vão transtornar o trabalho productur desse immenso machinismo de que a dita machina de vapor é motor.

Não é prudente, pois, prescindir delle. As differenças para ajustar a balança do commercio são diminutas e rapidas. Uma pequena quantia em ouro restabelece logo, ordinariamente, o equilibrio; mas esse ouro é unico ajustador temporario da balança do commercio; pois esta com o tempo vem a equilibrar-se sempre por si propria; e é por isso que o ouro sahe e torna a vir, e vice-versa.

Compare-se a exportação e importação das outras mercadorias com a saída e entrada do ouro, e ver-se-á que estas não só são relativamente diminutas, mas dão sempre no correr do tempo um saldo em favor da importação deste metal nos países onde não existe papel-moeda, isto é, papel inconvertível. Deverão naturalmente exceptuar-se os países que têm grandes minas de ouro em layra constante; estes, de certo, exportam mais ouro do que importam.

Apezar disso, o fluxo e refluxo para ajustar temporariamente a balança do commercio, impedindo as oscillações do cambio além de uma certa pequena differença, a qual vem a ser o frete e seguro do metal, esse fluxo e refluxo é geral por toda parte.

A União Americana, o Canadá, as Colónias Australianas, a do Cabo de Boa

Esperança, e todos esses paizes distantes ou proximos dos grandes centros bancarios do mundo, todos esses paizes onde existe a *nota de banco convertivel*, exportam e importam ouro.

Londres, 23 de Abril de 1880.

A medida de valor e o cambio par

I

E' um erro pensar que um governo, por mais poderoso que seja, ou as direcções dos bancos, por mais ricos e acreditados que estes sejam, tenham poder para augmentar o total do valor permutavel do meio circulante além do que comportam as transacções de um paiz.

Não se póde decretar nem impôr tal augmento do conjuncto de valor.

Se o instrumento de permutas é de ouro, o excesso que se pretende forçar na circulação sahirá necessariamente do paiz.

Se é de notas de banco, o excesso destas recorrerá ao trôco em ouro, e este seguirá igual destino.

Se é de papel-moeda, isto é, de notas inconvertiveis, forçadas por lei na circulação, o excesso destas, como não póde ser convertido em ouro e exportado, é absorvido por si mesmo na alça dos preços geraes, isto é, na depreciação das mesmas notas correspondente ao mencionado excesso.

Com a particularidade, porém, que o valor do papel-moeda variará segundo a actividade commercial, escassez ou abundancia das mercadorias, maior ou menor confiança financeira ou politica, soffrendo alterações equivalentes; visto que fica sendo navio sem

lastro, que vai oscillando ao capricho das ondas.

Imagine-se o litro ou o metro ora menor, ora maior. Estes são medidas de capacidade e de extensão. O numerario é a medida de valor. Será porventura indiferente a sua estabilidade ?

II

O que geralmente se chama cambio par nos paizes onde a medida de valor é de papel inconvertivel, não é o *par verdadeiro*, mas sim o *par originario* ou *nominal*.

Chamamos-lhe par originario ou nominal porque era esse o par verdadeiro no tempo em que esses paizes pagavam as suas notas

em ouro, isto é, no tempo em que era deste metal a sua medida de valor.

Mas, desde que o papel se tornou inconvertível; desde que, como tentámos demonstrar no capítulo precedente, a medida de valor se tornou sujeita a violentas flutuações, igualmente sujeito a violentas flutuações ficou o cambio par, que terá necessariamente de acompanhar as flutuações da medida de valor, visto que aliás deixaria de ser cambio par.

Por conseguinte, tratando dos paizes de papel inconvertível, é mistér considerar :

- 1º O cambio corrente ;
- 2º O cambio par verdadeiro ;
- 3º O cambio par nominal.

O cambio corrente provém da comparação dos pagamentos que, n'uma época dada,

um paiz tem de fazer aos paizes estrangeiros e vice-versa.

O cambio par verdadeiro dá-se quando ha igualdade de págamentos pró e contra esse paiz, no qual, correndo moeda papel inconvertivel, temos de levar em conta a depreciação desse papel.

Queremos dizer: se, por exemplo, no Brazil, em um certo periodo; ha para receber do estrangeiro £ 5.000,000, e ha justamente a pagar ao estrangeiro £ 5.000,000, e o cambio, não obstante, está a de 23 d., a differença entre esta taxa e a de 27 d. representa a depreciação em que está o papel-moeda; pois é claro que, se a circulação fiduciaria fôra convertivel em ouro, não havendo, por consequencia, excesso de meio circulante, a taxa do cambio seria, dando-se a igualdade de pagamentos e

recebimentos acima referida, de 27 d. por 1\$000 réis.

O cambio par originario ou nominal é aquella taxa de cambio que constituia, como dissemos, o par verdadeiro ou real, quando o portador da nota de banco gozava da opção de convertel-a em ouro : era uma quantia de peso e toque na moeda de um paiz, correspondente exactamente a sommas de igual peso e toque nas moedas dos outros paizes.

Por exemplo, entre o Brazil e a Inglaterra: 1\$000 réis por 27 dinheiros esterlinos ou 8\$889 réis pela libra esterlina, era o cambio par no tempo do ouro ; mas já o não é.

Desde que um paiz deixou de ter a unica base estavel para o seu meio circulante, isto é, a convertibilidade em ouro, o cambio

par, considerado ainda nessa base que cessou, é apenas nominal.

Porém, pelo antigo uso, e porque é difficil apontar o cambio real ou verdadeiro, que está sempre violentamente fluctuando em uma circulação de papel inconvertivel, continúa a chamar-se cambio par o antigo cambio de 27 d.

Por conseguinte, o cambio corrente póde apresentar a taxa do par nominal, e na realidade estar muito acima do par.

E inversamente, o cambio corrente póde estar a 19 d., parecendo muitissimo abaixo do par, quando na realidade, tomando-se, como se deve, em linha de conta o excesso *temporario* ou *duradouro* do papel-moeda em circulação, e por conseguinte a depreciação deste, a differença é muito menor

do que se julga, e talvez mesmo tal differença não exista.

Se a medida de valor é, pois, de natureza tal que esteja sujeita a violentas fluctuações, com ella necessariamente fluctuará o cambio par.

Londres, 10 de Maio de 1830.

Alguns dos sacrificios resultantes da inconvertibilidade do numerario papel

Paga o Brazil a sua divida externa e nacional de ouro, com um augmento de 20 a 40 0/0, nos vencimentos das respectivas prestações, *devido isso a ter um numerario de papel inconvertivel*; e igual sacrificio soffre no pagamento dos juros semestraes.

Cada vez que negocia um emprestimo externo tem de sacar alguns milhões de libras: o cambio, necessariamente, sobe logo, mais ou menos, a 27 d.; porque a balança do commercio ou dos pagamentos internacionaes pende muito nessa occasião a favor do Brazil.

Quando, porém, tem de pagar juros e principal, mudam-se as scenas: apresenta-se no mercado como tomador de saques importantes, o que faz pender em sentido contrario a balança dos pagamentos, como logo o mostra a taxa do cambio, que é o indicador ou fiel da referida balança.

6 E' a lei da offerta e da procura.

Nos emprestimos nacionaes pagaveis em ouro, recebe o seu papel pelo valor nominal, e paga principal e juros medindo o valor desse papel pelo preço corrente do ouro no mercado: isto é, tanto de papel, tanto de depreciação, somma, e paga.

Em igual caso estão as nações como o Brazil, cujo numerario consiste em notas de curso forçado, nas quaes se lê uma promessa illusoria.

Prepararam a armadilha, é justo que dêem o exemplo de como se cahe nella.

A Inglaterra e os numerosos paizes povoados ou administrados pelo povo inglez ou seus descendentes, não querem saber desses meios *apparentemente lucrativos*.

O Canadá tem as *Dominion Notes*. Os Estados-Unidos ainda têm o resto das notas do thesouro e as *National Bank Notes*.

Mas, nesses dous paizes, paga o thesouro em ouro aos portadores das notas.

A recompensa de uma tão bôa politica é terem o seu cambio ao par, ou dentro dessa pequena differença, pró ou contra, que representa o frete e seguro do ouro, e gozarem, por consequencia, de todas as vantagens commerciaes e financeiras inherentes a esse estado solido do seu meio circulante.

Ainda ha poucos dias (12 de Maio), em

um discurso publico em Nova-York, dizia Mr. Sherman, Ministro da Fazenda dos Estados-Unidos da America, desse paiz cujo orçamento actual apresenta (como diz o proprio Mr. Sherman no referido discurso) um saldo a favor de Rs. 200,000:000\$000, que é consagrado á amortização da sua divida, outr'ora gigantesca :

« O nosso numerario mixto, de metal e de papel, é sempre remivel, e eu o considero o mais são que jámais tivemos.

« Poucas pêssoas desejariam hoje passar sem a moeda-papel, cujas emissões devem provir do governo .

« A somma da moeda-papel em circulação deve, comtudo, ser cuidadosamente limitada, e *resguardada pelas reservas metallicas, de modo que se possa sempre manter ao*

par, e seja sempre convertível em moedas de ouro ou prata quando estas sejam precisas.

« Deverão as mesmas conter os grãos necessários para lhes conservar com igualdade o valor relativo ; e se o valor do dollar de prata não fôr no mercado igual ao de ouro, deveremos pôr mais grãos no dollar de prata ou menos no de ouro.

« Mistér é que tenhamos um padrão monetario da mais alta superioridade, como grande nação commercial e acreditada que somos. »

E' esta a opinião de um dos homens mais esclarecidos e de mais pratica em finanças, sobre a *convertibilidade constante em ouro* do numerario papel.

Sobre a proposição de Mr. Sherman, que as emissões devem provir do governo, diremos : Naturaes são só as dos bancos ; mas

uma vez que as notas são pagas em ouro, á vontade do portador; uma vez que o governo *não abusa* da sua posição onnipotente e pelo contrario *mantem ao par* o seu papel pelo unico meio possivel, que é a *base metallica*, não é grande o mal que dahi vem á circulação.

A lei do Congresso de 14 de Janeiro de 1875 foi modificada pela de 31 de Maio de 1878, quanto á annullação, destruição ou retirada da circulação das notas do thesouro que fôrem sendo trocadas em ouro, e igualmente quanto á substituição das mesmas pelas dos bancos nacionaes, na razão de 80 % das novas emissões destas, as quaes provêm, é verdade, do governo, mas contém o nome do banco nacional respectivo e as assignaturas do presidente e thesoureiro deste, segundo a Lei de 25 de Fevereiro de

1863. Os bancos nacionaes são 2,056 e os outros 4,400 : total 6,456.

O restabelecimento do pagamento das notas em ouro trouxe a baixa da taxa do desconto nas diversas praças commerciaes da União e a subida dos *bonds* do governo.

As causas economicas destes phenomenos são intuitivas : numerario mais valioso, o que equivale a augmento correspondente na circulação (quanto ao primeiro); e augmento de confiança no estado financeiro do paiz (quanto ao segundo).

Tal é a solida posição, assim monetaria como financeira, em que os Estados-Unidos tiveram a felicidade de collocar-se.

Os paizes que se afastam dos verdadeiros principios, de tão longa data acceitos por todos os economistas distinctos, cream

embaraços no seu progresso natural; e se, entretanto, se adiantam, é lutando com esses embaraços; muito mais facilmente teriam progredido se os governos deixassem aos povos o jogo livre das permutas nacionaes e estrangeiras, nas quaes a moeda propriamente dita é um elemento indispensavel e importantissimo; pois que é, como diz Michel Chevalier, não sómente a medida commum dos valores, mas um *equivalente universal*.

Privar, por conseguinte, os povos da estabilidade da sua medida de valor, é lançar a confusão nos calculos commerciaes e a perplexidade nas transacções internacionaes e internas; confusão e perplexidade cujos tristes effeitos reagem sobre o governo, desconcertando as mais habéis combinações financeiras.

Como poderá nestas circumstancias responder um ministro pela realidade do orçamento, e assegurar que não lançará mão de creditos supplementares ?

Dê-lhe o parlamento um numerario de valor estavel, e dissipar-se-ão os clamores contra a irregularidade das finanças.

Londres, 23 de Maio de 1880.

Um dos mais poderosos agentes na criação da riqueza

Impossível seria a geral e multiplice transmissão das riquezas e das idéas se não fôra o numerario ; sem o qual não existiriam as sciencias, nem as artes, nem a litteratura, nem o commercio ; não existiria emfim a civilisação. E' elle comparavel na sua grande utilidade aos rios navegaveis, aos caminhos de ferro, aos barcos de vapor que atravessam os mares ; a tudo quanto facilita a circulação e distribuição universal dos fructos da intelligencia e da perseverança humana.

Deu-se a preferencia aos metaes preciosos, já nos tempos de Abrahão (Genesis, cap. XXIII, v. 16), para intermediarios nas permutas resultantes da divisão do trabalho. Esta preferencia foi devida á superioridade delles para tal fim sobre as demais mercadorias: universal procura como adôrno, grande valor em pequeno volume, deterioração impossivel, e mais tarde, no tempo dos Lydios, a descoberta que pouparia o cunho do Estado o trabalho da verificação do peso e toque das moedas.

Governos ignorantes tentaram debalde enganar o povo por meio de um carimbo mentiroso, indicando valor superior ao que ellas realmente tinham. A posição autoritativa desses governos impoz aos credores de dividas anteriormente contrahidas a espoliação inherente a essa alteração de

valor; mas o poder adquiridor da moeda baixou, subindo o valor nominal das outras mercadorias em relação á mentira do novo cunho do governo.

No decimo terceiro seculo, o Tartaro Koblai, neto de Genghis Khan, descobriu um meio aparentemente barato de substituir o metal completamente na circulação, por meio de promessas em tiras de papel, de effectuar o pagamento quando este fôsse exigido; mas os povos descobriram, á propria custa, que taes promessas eram illusorias; e a historia do papel-moeda desde a China até o extremo occidente tem sido sempre a mesma: a luta entre os que procuram defender-se em seus justos interesses e o abuso proveniente dos que deviam comprehender melhor a sua missão: chefes da humanidade, deviam protegela

em vez de tratar de expolial-a. A regencia na minoridade de Luiz XV. de França, a Revolução Franceza, a historia financeira de todos os paizes da Europa, o periodo da guerra civil nos Estados-Unidos, as tentativas do Urúguay, de Buenos-Ayres, do Chile, do Perú, de Cuba, os archivos da legislação do Brazil, mostram bem se é possível manter na circulação papel inconvertivel com um valor estavel.

Muitos governos já chegaram á conclusão que é mais acertado, para bem, se não do povo, das suas proprias finanças, tornar verdadeira a promessa escripta, e começaram a pagar os seus vales ao portador, ou notas, em metal. Outros, depois de abusarem da paciencia do povo, com emissões que chegaram a nada valer, descontinuaram esse meio, que já nenhum

resultado lhes dava no pagamento de suas dívidas; e daí em diante deixaram para os bancos a emissão de títulos á vista.

Trataremos dos primeiros desses governos e citaremos os Estados-Unidos.

A depreciação de suas notas, devida ás excessivas emissões privadas do seu eficaz *correctivo natural*, que é a convertibilidade em ouro, chegou a 180 %; isto é, eram precisos 280 em notas para realizar o mesmo que 100 em metal. Compreendeu esta nobre nação que era preciso acabar com a incerteza de valor da sua circulação fiduciária: marcou uma data fatal: contratou em 9 de Junho de 1877 e 11 de Abril de 1878 com os Srs. N. M. Rothschild & Sons, T. S. Morgan & C^a, Seligman Brothers e Morton, Rose & C^a, de Londres, e os Srs. A. Belmont & C^a, Drexel, Morgan & C^a,

T. W. Seligman & C^a e Morton, Bliss & C^a, de Nova-York, a collocação de uma certa quantia mensal de *bonds*, e comprou ouro, com o qual estabeleceu galhardamente o pagamento das suas notas ao par. Subiu o valor destas: valem hoje tanto como o ouro, e são estimadas na circulação, visto valerem o que está nellas escripto.

Alguns financeiros do Brazil pensam que o paiz é pobre; que não pôde cumprir a promessa escripta nas suas notas; que o ouro não irá para o Brazil senão para logo voltar, como se a procura *effectiva* de uma mercadoria não a fizesse constantemente apparecer; como se da base metallica, unica que dá valor estavel ao meio circulante, não resultasse um lucro immenso a todo o paiz, pela mesma razão que o dá

todo o machinismo necessario, os canaes, as estradas de ferro e todos os capitaes que promovem o transito da riqueza publica. Naturalmente, esse machinismo da circulação, esse, mais que nenhum outro, agente productur, haveria sempre de apparecer, e existir e augmentar no Brazil á medida que as transacções deste paiz o fôsem exigindo mais e mais, á medida que o augmento delle fôsse sendo necessario para base da circulação fiduciaria *convertivel*.

Não vão immensos machinismos para o Brazil quando estes são encommendados? não vão os materiaes para as estradas de ferro, etc.?

Tudo isto não é pago com os productos do Brazil? Porventura é dado de graça? Por que não iria o numerario ouro quando este fôsse encommendado? Por ventura as

outras mercadorias não se obtém com productos do Brazil da mesma sorte que este se obtém? Ou julga-se que o machinismo *ouro* é de menos importancia, mantendo a estabilidade do valor fiduciario, realizando esse grande serviço?

Respondam os estadistas que têm tido a seu cargo o ministerio da fazenda. Respondam os negociantes.

O Banco do Brazil, se o Governo lhe dêsse a liberdade de emissão, não duvidaria, certamente, estabelecer o pagamento das notas em ouro.

Habilitando-se o Governo, como o fizeram os Estados-Unidos, a estabelecer no Thesouro, ou por intermedio do Banco do Brazil, o troco em ouro das suas notas, e concedendo ao Banco liberdade de emissão; *uma vez estabelecida a solidez da circulação*

fiduciaria, não estaria longe a época em que a prosperidade do Brazil exigiria um meio circulante duplo do actual.

A historia é em certos casos uma repetição de factos, e póde-se até certo ponto pre-dizer o futuro pela observação do passado. A necessidade, no correr do tempo, de aumento do meio circulante tem sido constante na historia financeira de todos os paizes prósperos. O que o Estado e o commercio precisam é de um meio circulante de valor *estavel*.

Resultaria, pois, que o Banco do Brazil em uma época relativamente proxima, teria elevado a sua emissão a 200.000:000\$000, não obstante igual quantia actualmente existente em circulação de notas do thesouro, as quaes *deveriam ser substituidas* pelas do banco, ou melhor, dos diversos

bancos, sujeitos a uma lei uniforme de direitos e obrigações.

Seria, entretanto, essencial que o Governo nunca mais se collocasse na posição em que esteve desde Fevereiro de 1861 até Setembro de 1864: obrigava o Banco a pagar em ouro as notas deste, ficando elle Governo isento de converter igualmente as suas em ouro; fazia assim concorrência, com papel inconvertivel de curso forçado, ás emissões do Banco, collocando este, por consequente, em falsa posição.

Quatrocentos mil contos (subindo com as necessidades crescentes do Brazil e inherentes ao seu progresso), deduzida mais ou menos, uma terça parte, que seria mistér conservar em ouro, deixa auferindo lucros duzentos e sessenta mil contos.

E que allivio para o Estado e para o com-

mercio ! Que vantagens para as industrias, tanto agricolas como manufactureiras ! Que importações de machinismos não viriam augmentar as forças productoras do fertilissimo Brazil, importações em muitos casos adiadas, talvez para sempre, em consequencia da elevação de custo originada por um cambio desfavoravel ! Que orgulho para o Estado, que já não estaria monetariamente inferior á sua irmã do norte, nem ao Canadá, nem ás Antilhas Inglezas, nem á Demerára, nem ao Cabo de Bôa Esperança, nem ao Natal, nem a esse grupo de jovens estabelecimentos australianos, que exportam e importam Rs.900,000:000\$000 annualmente, não obstante contarem apenas dous milhões e meio de habitantes ! Deixemos o systema do numerario inconvertivel no Novo-Mundo para os Estados Hispano-Americanos que

contam 28.000.000 de habitantes, mas que, apesar disso e da grande fertilidade do seu sólo estão longe, todos reunidos, de ter um movimento commercial comparavel ao daquelles estabelecimentos do Pacifico.

Deixemos a circulação dos pesos e soles de papel inconvertivel, ou de prata depreciada, igualmente inconvertivel em ouro, para esses bellos paizes, que estão infelizmente ainda longe de attingir á liberdade moderna, que é o respeito do direito commum, a segurança individual, a garantia da propriedade, a firmeza dos contratos financeiros, a solidez monetaria; e não o mero nome de *republica*, sujeita ao capricho dos coroneis e dos generaes improvisados. (*)

(*) Depois da revolução de 1880, a Republica Argentina tem dado grande exemplo de ordem e de progresso.

(Nota á presente edição).

Bem certo é o adagio que diz : « Tal politica, taes finanças. »

Brazil, quer dizer solidez, quer dizer ordem, quer dizer illustração: no Uruguay, no Paraguay, na Republica Argentina o Brazil venceu; não porque os seus soldados tivessem superior força physica á dos adversarios, mas pelos merecimentos scientificos dos seus officiaes, pela humanidade e respeito com que tratava o soldado brasileiro as populações vencidas, pela robustez da sua organização politica, pela confiança e garantia que sabia inspirar não só aos seus, mas aos povos alliados, e até aos proprios vencidos. E' esta fé na segurança da vida e da propriedade, este prestígio que dá a pratica da justiça, o segredo da grandeza de um povo.

E em nenhum ramo da vida social se

faz melhor sentir esta verdade do que na ordem financeira. Póde-se considerar um axioma, que um paiz só póde adiantar-se desassombradamente pelo caminho da riqueza e do progresso, se tem o apoio dos capitalistas. E estes não são só Brazileiros, Inglezes ou Francezes : são *cosmopolitas*. A patria dos capitaes são as empresas retribuidoras. Que estas estejam estabelecidas n'um ou n'outro hemispherio, pouco importa. Uma nação que tem a justa e nobilissima ambição de progredir, precisa inspirar plena confiança aos donos dos capitaes, que são os efficazes auxiliadores do desenvolvimento da riqueza publica.

Esses affaveis possuidores da vara de condão têm fé nos orçamentos reaes, nas leis e compromissos fielmente cumpridos por um povo emprehendedor, amante de

uma politica providente: que não olha só para hoje, mas para os seculos que têm de vir; um povo verdadeiramente amigo do futuro de seus filhos, virtude santa, que o grande philosopho John Stuart Mill põe acima de todas as outras.

E' essa fé, esse prestigio, o talisman que converte uma pequena região circumdada pelo Atlantico e pelo Mar do Norte em senhora do commercio e da navegação do mundo; um ermo de florestas da America do Norte no ponto de reunião de homens emprehendedores e de espirito independente, que não querem curvar a cerviz ás perseguições e aos preconceitos de oligarchias oppressoras; ponto de reunião que se transforma n'uma das mais opulentas e sympathicas nações do universo, á qual a humanidade não é só devedora de tão

grande numero de descobertas physicas modernas, mas dessas idéas generosas que emancipam as classes desherdadas do Velho Mundo ; idéas que tornam immortaes Penn, o escriptor, que pugna pela liberdade de consciencia e funda a Pensylvania : Franklin, o typographo ; Washington, o lavrador ; Adams, o jurisconsulto ; Channing, o sacerdote ; Jackson, o magistrado ; Lincoln, o carpinteiro ; Johnson, o alfaiate ; Grant, o pacificador ; os nobres da America, os nobres do trabalho e da liberdade, cujo confronto com os fidalgos da ociosidade e da oppressão deixa estes em tristissima inferioridade.

E' de uma politica financeira de vistas largas, confiando nos seus grandes recursos, que é digno um colosso como o Brazil, que deve ter fé no seu presente e no seu futuro ;

paiz de uma vastidão de territorio e riquezas por explorar, que tem só como rival no continente americano os Estados-Unidos ; e que deve agradecer a Deus a fortuna de ser habitado por um povo de grandes qualidades intellectuaes e moraes ; no que, certamente, não é inferior a nenhuma outra nação.

Admittido, pois, como axioma, que para um paiz progredir, com a rapidez propria do espirito moderno, precisa ter o apoio dos capitalistas internos e externos, e que uns e outros são *cosmopolitas* quanto á productiva collocação das suas riquezas, facil é chegar á conclusão que sendo o numerario a medida pela qual se satisfazem os compromissos, assim publicos como particulares, é absolutamente aconselhavel não privar-o da estabilidade do seu valor.

A base metallica é, como todos os

economistas sabem, a protectora e reguladora da circulação fiduciaria; é um erro pensar que ella não produz. Por muito tempo se julgou que as estradas, as docas, os canaes, pelos quaes transitam as mercadorias, eram improductores; que nada contribuem para o augmento da riqueza publica os medicos que nos mantêm a saude, os militares que velam pela segurança de nossos lares, os jurisconsultos e os magistrados que nos defendem nos nossos direitos e que estão de guarda á execução das leis.

Protectora e reguladora da circulação fiduciaria, o officio da base metallica é de uma importancia tão vasta nas transacções internacionaes e internas, que não é muito affirmar ser ella um dos agentes mais poderosos na criação da riqueza.

Londres, 8 de Junho de 1880.

Importação e exportação

I

« Enquanto não exportarmos mais do que importarmos, » diz muita gente instruída em assumptos alheios á economia politica, « não ficaremos ricos ; e por conseguinte não teremos o cambio a nosso favor. »

Erro manifesto. Imagine-se uma familia de cuja casa sahem constantemente maiores valores que nella entram.

Qual será o resultado ?

Ficará por isso cada vez mais rica, ou irá naturalmente ficando cada vez mais pobre ?

Paulo exporta artigos no valor de 4:000\$, que lhe produzem no estrangeiro 6:000\$; somma esta que elle importa, não em dinheiro, porque não é deste que immediatamente precisa, e sim de machinismos ou de materias primas ou fabricadas, para augmentar a sua industria manufactureira, commercial ou agricola.

Segundo a proposição acima, todos clamam que Paulo se arruina.

« Como ! exporta 4 e importa 6, e vai continuando sempre assim, importando mais do que exporta ! »

Mas Paulo deixa-os fallar : a sua fortuna augmenta.

As nações são como os individuos.

Os que prosperam, augmentam as suas

riquezas : isto é, *importam* mais do que *exportam*.

Os que vão em decadencia, esses, bem a seu pezar, vêem sahir-lhes de casa mais do que nella entra; até chegarem, por fim, á completa ruina.

Instruidos, entretanto, pelas lições da adversidade, tornam muitas vezes a erguer-se os individuos, como as nações.

Pela moralidade, pela sobriedade, pela energia, pela perseverança, pela fé, resurge a Grecia, a bella captiva, que se salvou por se ter conservado fiel á religião christã, *que lhe mantém distincta a nacionalidade*, atravez de quatro seculos de martyrio; unifica-se e robustece-se a Italia; torna a ser grande a França.

Não só estes paizes, hoje que estão prósperos, importam muito mais do que

exportam, mas, regra geral, todas as nações ricas, antigas ou modernas.

Só poderia exportar mais do que importa, sem por isso merecer com exactidão o nome de pobre, o paiz que, não tendo dentro de si mais campo para alargar a propria industria de modo sufficientemente remunerativo, se visse obrigado a empregar capitaes em paizes estrangeiros, para nelles com mais vantagem fazel-os valer.

Ainda assim, a não serem os rendimentos dahi provenientes empregados igualmente nos referidos paizes estrangeiros, subiriam taes rendimentos em certo numero de annos a somma tal que resultaria dahi necessariamente importação superior á exportação.

Mas que paiz será esse, que já não tem mais campo para emprêgo dos seus capitaes ?

Será alguma nação nova ?

Estará nesse caso o Brazil ou os Estados-Unidos ?

Esse saldo regressará em moeda ?

O que fará esse paiz desse saldo em moeda, se os canaes da circulação têm para ella natural limite ?

E' forçoso admittir que ninguem deseja ter capitaes *ociosos* em ouro, só pelo prazer de olhar para elle.

Porque não é o *proprio ouro* que lavra a terra, nem que directamente substitue as materias primas de que vive a industria.

No seu character de medida de valor e de mercadoria intermediaria, logo que é de mais na circulação, *eleva os preços* das outras mercadorias ; isto é, deprecia-se, e portanto, as importações destas não se demoram em vir buscal-o.

E' por consequencia impossivel a um paiz conservar ouro além do limite que as leis naturaes da circulação lhe marcam.

Não quer tudo isto dizer que é essencial exportar pouco para ser rico ; não! As mais opulentas nações exportam muitissimo, mas importam muitissimo mais.

E note-se bem : todos os Estados que se acham reduzidos a tal condição de infortunio que não podem continuar a pagar os juros e prestações vencidas da sua divida, esses são justamente os que têm exportação superior á importação.

Só ha duas excepções :

Duas nações ricas, que *temporariamente* estão exportando mais do que importam, *por motivos especiaes que adiante explicaremos*, são o Brazil e os Estados-Unidos. .

Regra geral : as nações ricas, ou para

falar com mais justeza, as nações que, relativamente á sua organização de trabalho, têm abundancia de capitaes propios; ou que, em virtude da fertilidade do seu solo e da garantia que inspiram as suas justas leis fielmente cumpridas, são centros para onde affluem continuamente capitaes estranhos para nellas fructificarem; importam muito mais mercadorias do que exportam.

Não é só isto: importam tambem mais metaes preciosos do que exportam, a menos que não tenham grandes minas destes em lavra constante.

Começaremos, para citar exemplos, pelas antigas nações ricas, mostrando o saldo annual em que a sua importação é superior á sua exportação.

<i>Inglaterra</i> , quanto ás mercadorias	1,232,868:840#000
Dita, quanto ao ouro e prata	60.000:000#000
<i>França</i> , quanto ás mercadorias	440.000:000#000
Dita, quanto ao ouro e prata	130.000:000#000
<i>Allemanha</i>	681.500:000#000
<i>Hollanda</i>	174.622:800#000
<i>Belgica</i>	140.968:000#000
<i>Italia</i>	75.112:200#000
<i>Austria-Hungria</i> , média annual de 1872 a 1878	55.749:770#000
<i>Suecia</i>	35.000:000#000
<i>Noruega</i>	35.180:000#000
<i>Dinamarca</i>	33.940:000#000
<i>Russia</i> , média annual de 1874 a 1878	30.000:000#000

<i>Portugal</i>	16.426:600	7000
<i>Grecia</i>	13.829:290	\$000
<i>Persia</i>	1.380:000	7000

Vamos em seguida aos paizes novos, cujas finanças são prósperas, e por conseguinte lhes attrahem universal confiança:

Colonias Australianas,

saldo em 1878 a

favor da importação. 63.492:290

Canadá..... 104.577:160

Cabo e Natal..... 20.018:600

Algeria..... 20.830:000

Observemos agora as nações fallidas, sobre as quaes recahe o anáthema dos capitalistas, por terem collocado as suas finanças na triste condição de não poderem fazer face aos compromissos da divida publica.

Todas estas nações exportam mais do que importam.

Antigas :

<i>Turquia</i> , saldo em favor da exportação de mercadorias.....	80.382:224	7000
<i>Egypto</i>	32.540:000	7000
<i>Hespanha</i>	13.430:500	7000
<i>Tunis</i>	2.000:000	5000

Modernas :

<i>Perú</i>	31.062:000	5000
<i>Mexico</i>	5.258:000	5000
<i>Costa Rica</i>	3.913:190	5000
<i>Guatemala</i>	2.500.000	5000
<i>Venezuela</i>	2.138:833	5000
<i>Libéria</i>	2.000:000	7000
<i>Chile</i> (ainda paga os juros, porém, suspendeu o pagamento das prestações vencidas *...)	1.009:210	5000

* Estava neste tempo em guerra contra Perú e Bolívia.

Haiti.....	1.006:000\$000
Nicarágua.....	858:996\$000
Uruguay.....	849:931\$000
Honduras.....	638:000\$000

E muito maiores seriam os referidos saldos, isto é, muito menos poderiam importar, se os respectivos governos não se tivessem visto ultimamente obrigados a cessar o pagamento dos seus compromissos.

Ainda assim exportam mais do que importam, tal é o seu estado de pobreza relativa.

A Republica Argentina é o unico Estado hispano-americano que, *pagando ainda os juros e prestações da sua divida*, exporta mais do que importa; mas não podemos considerar *rico* e merecendo a confiança dos capitalistas um paiz que desgraçadamente

está sendo tão a miudo dilacerado pela guerra fratricida. (*) O seu exemplo vem por conseguinte em apoio das conclusões que tiramos da observação dos factos.

Para poupar espaço e não abusar da benevolencia do leitor, demos só o ultimo anno de que pudemos obter estatisticas officiaes. Facil será, porém, a quem de-sejar obter informações mais minuciosas, recorrer ás magnificas collecções que no Rio de Janeiro se estão formando, de re-latorios officiaes de quasi todos os paizes,

(*) No anno em que isto foi escripto, 1880, estava a braços com a sua ultima revolução.

Tem gozado dahi para cá oito annos de paz, e eis aqui o movimento internacional da Republica Argentina nos tres ultimos annos do que temos estatisticas officiaes :

	<i>Importação</i>		<i>Exportação</i>
1884.....	94.056.144	patacões	68.029.836 patacões
1885.....	92.221.909	»	83.879.100 »
1886.....	95.408.745	»	69.834.841 »

(Nota á presente edição).

que de tanto proveito serão para a sciencia. (*)

Nos capitulos seguintes trataremos dos dous maiores paizes da America : o Brazil e os Estados-Unidos ; e diremos o motivo por que *temporariamente* se afastam da regra geral.

II.

Segundo o ultimo relatorio do Ministro da Fazenda exportou annualmente o Brazil mais do que importou, nestes tres ultimos annos, 35,000:000\$000.

Não sabemos, porém, (**) e não temos em

(*) Infelizmente, parece que foram descontinuidas.

(*Nota á presente edição*).

(**) Verificámos depois ser exacta a supposição que fizémos.

Londres os meios de averiguar de prompto, se no registrar a exportação no Brazil, se reúne ao valor que tinha o genero no mercado os desembolsos que foi preciso effectuar para collocar-o a bordo; se essa omissão existe, sendo o valor médio da exportação desses tres ultimos annos duzentos mil contos approximadamente, e parecendo-nos que não estarão longe 15 % para direitos, commissão, carretos, embarque, corretagem do saque, etc., termo médio das differentes classes de mercadorias, seria preciso addicionar, se é que realmente se dá a omissão a que alludimos, mais 30,000:000\$; o que elevaria o excesso da exportação sobre a importação a 65,000:000\$000.

Se o Brazil não tivesse encargos de divida externa, e não residissem e viajassem na Europa grande numero de Brasileiros,

claro está que, a não ser empregado o referido saldo em fundos ou propriedades europeas, essa quantia voltaria para o Brazil em mercadorias : e por consequente o dito saldo não figuraria em favor da exportação. Muita gente dirá : « Voltaria em dinheiro. »—Não voltaria; a não estarem, conforme dissemos, os canaes da circulação d'elle deficientes ; e isto está provado pelas estatisticas de todos os paizes.

Mas o Estado tem differentes encargos na Europa, que lhe exigem annualmente 25 mil contos.

Ficam, pois, 40 mil contos dos 65 mil.

São esses absorvidos pelos Brasileiros que na Europa viajam ou residem ; não só para seus gastos ordinarios, mas para emprego em rendas europeas, afim de se libertarem da incerteza do cambio do Brazil ;

incerteza unicamente devida á inconvertibilidade em ouro da circulação fiduciaria.

Pensa muita gente illustrada e que tem amor sincero ao seu paiz, que se o cambio se mantivesse nas proximidades do par, conforme o exemplo de todos os paizes novos a prósperos que citamos, daria isso em resultado grande emigração de capitaes do Brazil para a Europa, o que profundo abalo causaria ás praças do Imperio.

Não póde haver maior illusão.

Então os Estados-Unidos, o Canadá, a Australia, o Cabo, não têm, da mesma sorte que o Brazil, immensa gente na Europa, a quem fazem remessas constantes para suas despesas?

Quem vai retirar capitaes que estão a render n'um paiz novo para os pôr a render

n'um paiz velho, não sendo a isso forçado pela incerteza de um cambio artificial?

E' justamente esta persistencia de cambios baixos que torna pessimista o Brasileiro que viaja ou reside na Europa, e o obriga a retirar os seus capitaes do Brazil.

Fatigado pelas fluctuações constantes de cambios baixos, que predominam desde tanto tempo, e cujo termo médio dos ultimos tres annos é bastante desanimador, não espera mais cambio alto; e logo que apparece alguma subida, ordena remessas, empregando-as neste lado do oceano.

Deste modo tem sahido e continuarão a sahir grandes capitaes do Brazil.

A prova disto está no seguinte extracto da *Revista Commercial e Financeira* no *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 27 de Junho de 1880:

« Continúa abundantissimo o dinheiro na nossa praça e mais abundante será, de certo, com as remessas de fundos do Brazil, que são esperados *em larga escala, em vista da subida do cambio* do Rio sobre Londres, *que já estava a 22 1/2* e com tendencias definidas para subir ainda mais.»

De modo que a taxa de 22 1/2 já era considerada uma felicidade; e, de certo, de 19 1/4, taxa de não ha muito, a 22 1/2, vão mais de 15 %.

O unico meio de pôr termo a essas desconfianças da parte dos capitalistas, tão nocivas sempre, sobretudo a um paiz novo, é *restituir* ao numerario a sua natural elasticidade.

Se, outr'ora, circumstancias imperiosas tornaram imprescindivel a necessidade de recorrer ao oneroso expediente do papel

inconvertível, não deveria este ficar como uma instituição permanente; tão justo é o sacrificio nos tempos difficeis, quão politico e razoavel é o allivio quando chega a prosperidade.

As nações esclarecidas do seculo XIX só pedem uma cousa aos seus governos: a protecção da pessoa e dos direitos do cidadão.

O jogo livre das transacções commerciaes, elemento necessario e indispensavel da riqueza dos povos, constitue um dos mais importantes desses direitos.

III.

Quem se não recorda do tempo em que o papel tinha no Brazil premio sobre o ouro?

Seria porque a exportação era então superior á importação ?

Mas aqui está a estatística dessa época :

	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>	<i>Cambio sobre Londres</i>
1850—51	76,918:619\$	67,788:170\$	De 27 1/2 a 30 1/2 d.
1851—52	92,860:121\$	66,640:304\$	» 26 1/2 a 28 1/2 d.
1852—53	87,332:156\$	73,664:724\$	» 27 1/2 a 29 1/2 d.
1853—54	84,854:879\$	76,842:490\$	» 26 1/2 a 28 1/2 d.

Emigraram, porventura, nesses annos do Brazil immensos capitaes ?

O cambio, isto é, o *fiel* da balança do commercio, á qual para maior precisão chamaremos *balança internacional de pagamentos*, claramente indica que o saldo desta balança era a favor do Brazil.

Tão pouca era a procura de saques sobre a Europa em relação á offerta, que subiu o cambio em todos esses annos acima de 28, ao passo que nunca baixou a menos de 26 1/2.

Subiu mesmo a 29 e 30 d., porque os saldos eram de tal modo a favor do Brazil que, pela falta então de telegrapho que abreviasse a ida do ouro da Europa para o Brazil, os sacadores chegavam a offerecer 10 % de premio a quem lhes tomasse os seus saques.

A ser exacta a theoria de que os cambios altos fazem sahir immensos capitaes do Brazil, deveriam então os capitalistas apres-sar-se em retirar os seus capitaes do paiz.

Mas a observação dos factos prova que o fertilissimo, pacifico e sympathico Brazil attrahia então immensos capitaes em vez de os expellir de seu fecundissimo seio.

E' porque a circulação era nesse tempo, a bem dizer, natural : o ouro abundava no thesouro, que fazia grandes pagamentos neste metal.

O Decreto de 2 de Abril de 1855 elevando ao triplo do fundo disponível a emissão do Banco do Brazil, e os Decretos de 1857 e 1858 criando diversos bancos de emissão na côrte e provincias, e facultando a todos a *opção* de pagarem aos portadores das suas notas em ouro *ou em notas do thesouro*, deram em resultado o augmento da circulação fiduciaria sem o seu *correctivo natural* que é a convertibilidade exclusivamente *em ouro*; do que o *proprio thesouro* deveria continuar a dar exemplo.

Em 1854 o total da circulação fiduciaria era de 55 mil contos: 8 mil em notas bancarias e 47 mil em notas do thesouro.

Quatro annos depois havia em circulação 55 mil contos de notas bancarias e 40 mil em notas do thesouro: total 95 mil contos.

Seguiu-se a crise commercial de 1864. Por esse mesmo tempo começou a guerra do Paraguay que, apesar de tantos sacrificios de cabedaes e de vidas gloriosas, entre as quaes contamos as de excellentes amigos, terminou no 1º de Março de 1870, deixando o espirito nacional animado da convicção dos grandes recursos do Brazil, cujo orçamento havia sido duplicado sem que por isso se resentissem as fontes da riqueza publica.

Periodo esse de grandes emissões de papel inconvertivel, tão desculpaveis então, quão indesculpaveis foram algumas das anteriores e de certo as posteriores.

Hoje, que já lá vão dez annos depois que o agricultor brasileiro trocou os campos de batalha por outros muito mais ferteis (se bem que não se possa deixar de considerar

fertil uma guerra victoriosa que tem por fim manter illesa a honra e a segurança nacional injustamente atacadas), é tempo de *restituir* ao meio circulante a essencial qualidade que o porá immediatamente a coberto das violentas flutuações de valor, as quaes levam o desánimo a todos os que desejam importar no Brazil capitaes para desenvolver essas inesgotaveis riquezas, que, latentes no seio da terra e no interior das florestas, estão a supplicar ao rei da criação que as liberte.

Não desejam os thesouros da velha Europa senão paizes fertéis, que os acolham e garantam.

E haverá algum que os possa attrahir com mais vantagem do que o Brazil ?

Amiudo conversamos com muitos industriaes e negociantes importantes que nos dizem :

« Deixámos, infelizmente, de remetter para o Brazil os nossos productos, porque não podemos ficar sujeitos a esta desanimadora incerteza do cambio, que torna impossivel calcular de ante-mão o que se tem de receber no vencimento dos creditos concedidos.»

E' natural, é espontaneo, o adiantamento de capitaes dos paizes velhos aos novos, se *embaraços artificiaes* não vêm perturbar as suas uteis relações.

Os numerosos e aperfeçoados machinismos, por onde passa, nas populosas nações, a generalidade dos productos nas suas diferentes phases, desde a materia prima até o seu acabamento, atravez de varias fabricas; e mesmo muitas vezes viajando nessa divisão do trabalho, de uns para outros povos da velha Europa, dão em resultado o preço

modicissimo dos artigos fabricados que vão, sob a fórmula de *capitales baratos*, fecundar paizes onde uma população diminuta, disseminada na vastidão de fecundissimas terras, tira assim da agricultura riquezas immensas; o que seria impossivel a essa escassa população, se não fôra a collaboração dos velhos paizes; pois ver-se-ia obrigada, se tudo quizesse fabricar, a perder tempo precioso que, applicado immediatamente á producção agricola e pastoril, lhe dá actualmente tão maravilhosos resultados.

A extrema subdivisão do trabalho, sem a qual é impossivel fabricar barato certos artigos, é o resultado da *agglomeração de população*.

Os Estados-Unidos já vão competindo com as nações velhas, em algumas manufacturas; mas é preciso não esquecer que no

Estado de Massachussets a população é tão densa como na França.

Da divisão internacional do trabalho resultam á humanidade os maiores beneficios.

O simples operario consome e utiliza em um só dia productos vindos de todos os climas, que lhe seria impossivel na sua vida inteira directamente produzir, e os quaes elle paga, não obstante, com o resultado de algumas horas da sua especialidade de trabalho.

Tentámos explicar o motivo por que o Brazil exporta actualmente mais do que importa, apesar de ser uma nação rica e pacifica, e possuir tão grandes elementos de attrahir capitaes espontaneos.

E dissemos ser isso uma condição *temporaria* porque, na época esclarecida em que felizmente vivemos, as reformas necessarias não se fazem esperar por muito tempo.

IV

Trataremos agora dos Estados-Unidos, quanto ao saldo que apresentam as suas estatísticas em favor da exportação.

O termo médio dos ultimos tres annos é de 400.000:000\$ annuaes.

Dirá muita gente: « Esta grande differença recebem-a os Estados-Unidos em ouro. »

Para dissipar de prompto essa illusão, eis aqui o movimento de importação e exportação de metaes preciosos nos Estados-Unidos, segundo o *Statistic Abstract of the United States* (1st number). Prepared by the

Chief of the Bureau of Statistics, Treasury Department. Washington: Government Printing Office, 1877:

	Importação		Exportação
1876.....	15,936,681 dollars		56,506,302 dollars
1877.....	40,774,414	»	56,162,237 »
1878.....	29,821,314	»	33,740,125 »

Vemos, por conseguinte, que não só esse saldo de 400 mil contos annuaes de mercadorias, mas igualmente esses 40 mil contos de metaes preciosos, ficam no estrangeiro.

Temos, pois, que investigar a causa deste phenomeno.

E' sabido que os Estados-Unidos têm augmentado nestes ultimos annos de uma maneira prodigiosa o cultivo dos seus cereaes.

A exportação só de trigo, por exemplo,

que em 1859 era apenas de 3,002,016 alqueires, tem progredido do modo seguinte :

1869.....	17,557,836	alqueires
1872.....	26,423,080	»
1875.....	53,047,177	»
1878.....	72,404,961	»

Immenso incrementotem igualmente dado a todos os outros ramos da sua producção.

A exportação de presuntos, queijos, banha, carne fresca, peixe, gado, etc., que em 1869 era de 29,590,512 dollars, foi em 1878 de 123,386,260 dollars.

E o mesmo se tem dado quanto á farinha de trigo, milho, algodão em rama, tabaco, etc., etc.

Esta grande prosperidade habilita-os a accumular grandes thesouros ; por conseguinte nas bolsas de Nova-York, Philadel-

phia, Boston, etc. subiram os seus principaes fundos.

Os consolidados americanos de 5 %, que eram em 1868 cotados a 73, estão actualmente a 107 1/8.

As acções dos seus principaes caminhos de ferro e outras emprezas importantes subiram n'uma proporção ainda maior.

Ora, todos sabem que muitos destes valores, bem como grande parte da divida especial de cada Estado, etc., haviam sido collocados nas bolsas européas, e sobretudo no *Stock Exchange* de Londres; e em virtude dessa grande animação nas bolsas americanas grande parte dos ditos valores é para ellas transferida.

O proprio governo da União, cujas receitas participam naturalmente da geral prosperidade, está amortizando a divida publica

na razão de 600 contos de réis diários ; offerecendo assim um exemplo grandioso que jámais teve precedente na historia das nações.

Essas immensas compras, o pagamento de juros e prestações dos valores que continuam em poder de capitalistas europeus, e os gastos dos Americanos, que em numero avultadissimo viajam e residem na Europa, muitos dos quaes fazem desembolsos em harmonia com as suas fortunas de principes, explicam claramente a razão por que esses 440,000:000\$ não voltam annualmente, e de certo muito mais ainda em mercadorias para os Estados-Unidos.

Admitta-se, porém, como argumento, que os Estados-Unidos acabam de pagar o que devem na Europa ; não só divida nacional e dos differentes Estados e cidades, mas das

suas diversas empresas; claro está que, não podendo, como não podem, importar grande somma em ouro e prata, não só porque a circulação monetaria está delles cheia, mas porque o augmento progressivo desta será abundantemente supprido pelas grandes minas americanas, que estão dando uma produção annual de 200 mil contos de réis (100 mil de ouro e 100 mil de prata), o saldo em favor da exportação total tem de desaparecer.

Se os Estados-Unidos continuarem a ter a felicidade de exportar muito, terão necessariamente a não menor felicidade de importar muito tambem; e vêr-se-ão mesmo obrigados, para facilitar a importação, a baixar as suas tarifas aduaneiras. (*)

(*) Antes de completar oito annos depois disto escripto, está o Congresso discutindo essa necessaria reforma.
(Nota ^{de} presente edição).

Basta recorrer ao documento official que citamos para reconhecer a verdade desta asserção; pois que os Estados-Unidos só nestes ultimos quatro annos é que têm tido grandes saldos em favor da exportação, os quaes, como dissemos, ficam na Europa.

Esta rica e próspera nação, segundo o exemplo de todas as nações opulentas, importou sempre muito mais do que exportou, e isto quasi sem interrupção desde muitos annos.

Aqui está um decennio recente, e para informação mais extensa enviamos o leitor ao referido documento official:

Saldo a favor da importação :

Em 1863	—	39.371.368	dollars.
» 1864	—	157.609.296	»
» 1865	—	72.716.277	»
» 1866	—	85.952.544	»

Em 1867	—	101.254.955	dollars
» 1868	—	75.483.541	»
» 1869	—	131.388.682	»
» 1870	—	43.186.640	»
» 1871	—	77.403.506	»
» 1872	—	182.417.491	»
» 1873	—	119.656.288	»

V.

Eis ali porque a actual condição dos dous maiores e mais ricos paizes do Novo-Mundo é *temporaria* quanto á superioridade da exportação sobre a importação; e não faz senão confirmar a regra geral de todos os paizes ricos; regra que está tão directamente em opposição com um preconceito fortemente

arreigado em muitos espiritos, que seria, não obstante, injusto deixar de qualificar de superiores.

Julga-se geralmente que é uma grande felicidade exportar muito, e realmente assim é; mas se essa grande exportação não fôr em grande parte para pagar dívida, ou para emprego de fundos, no estrangeiro, tem de ser forçosamente acompanhada de grande importação também: pois qual seria a nação que daria a sua exportação de graça?

E' justamente aqui a illusão de muitos estadistas, distinctissimos a outros respeitos, que julgam seria o ideal da ventura para suas respectivas patrias exportarem muitissimo e *nada* importarem.

São a importação e a exportação não só da mais elevada utilidade nacional, mas

reciprocamente *necessarias*, visto que não podem separadamente existir.

Pedro compra o que precisa. Paulo vende o que lhe é superfluo, (*) afim de por seu turno comprar aquillo de que necessita. Comprador e vendedor, se fôssem inimigos, não se approximariam tão facilmente.

Antes de procurarem afastal-os com leis attentatorias dos direitos da humanidade, deveriam os que na melhor bôa fé legislam creando embaraços á importação, examinar porque é que elles proprios são todos os dias compradores.

(*) Este termo vai aqui só figuradamente, porque ó claro que não lhe é «superfluo» o que cada um na sua especialidade de trabalho procura na maior quantidade possivel produzir, e que tal produçáo tem por fim o augmento de bem-estar do productor, por meio de permula internacional ou interna. E' isso a divisaó do trabalho, centuplicadora da riqueza em geral.

A economia politica é das sciencias naturaes. A sua missão é perscrutar as causas dos phenomenos multiplos da producção, circulação, distribuição e consumo das riquezas.

A observação calma e despreoccupada destes phenomenos tenderia a um conhecimento muito menos imperfeito das relações sociaes dos povos, que têm naturalmente a justa ambição de serem *livres* nas suas relações economicas, de cuja utilidade individual immediata cada cidadão é o melhor juiz.

Por conseguinte, a liberdade de cada cidadão nos assumptos economicos traria a liberdade geral nas relações *territoriaes e internacionaes* da humanidade.

Se o estudo da economia politica estivesse mais generalisado entre os governadores do

mundo, daria elle em resultado a annullação de muita legislação inutil e que tão nociva tem sido, e o é ainda infelizmente, ás liberdades economicas, e por conseguinte ao progresso das nações.

Londres, 23 de Julho de 1880.



Os artigos que seguem foram escriptos pelo autor na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, de 31 de Agosto, 7, 14 e 21 de Setembro de 1886.

Communhão do Brazil nos grandes mercados monetarios, pela sua libertação do papel inconvertível.

A illustrada redacção da *Gazeta de Noticias*, que tão proficientemente tem tratado do *Meio Circulante*, teve a bondade de referir-se a escriptos meus sobre esse assumpto, convidando-me ao mesmo tempo para que ainda escrevesse alguns artigos.

E' indubitavel que dessa importante questão estão no Brazil perfeitamente senhores os jornalistas, os homens de Estado e o Augusto Soberano, respeitado universalmente por seu incontestavel saber, provado pela moderação e nenhuns abalos com que é dirigida a marcha evolutiva d'este sympathico povo.

O papel inconvertivel é no Brazil anterior á independencia.

A essa qualidade de meio circulante foram os grandes estadistas brasileiros sempre adversos; justo é dizel-o.

Paula e Souza, Hollanda Cavalcanti, Rodrigues Torres, Souza Martins, Souza Franco, emfim todos os grandes vultos do parlamento brasileiro de tempos idos, se pronunciaram abertamente contra elle.

Nos tempos actuaes as grandes illustrações

do senado e da camara dos deputados têm contra elle pronunciado os mais sabios, mais luminosos discursos.

Nos governos representativos é este o grande e seguro systema : formar a opinião, esclarecendo-a do alto da tribuna e da imprensa, antes de effectuar as reformas.

E' isto uma sabia homenagem ás instituições livres.

São as reformas assim duraveis ; porque repousam na opinião esclarecida, não só dos grandes estadistas que conhecem a verdade, porque são sabios na sciencia da governação, mas tambem do geral dos cidadãos.

E não póde ser de outro modo nos paizes constitucionaes ; porque os que se occupam de seus trabalhos quotidianos, que constituem a riqueza do Estado, têm voto na publica administração pela escolha de seus

representantes no parlamento; e portanto desejam com razão ser esclarecidos, afim de poderem acceitar com prazer a suppressão de antigos erros, que lhes pareciam naturaes, porque a elles estiveram sempre acostumados; e não raro seus ascendentes, desde longas gerações.

Porque, á medida que as sociedades se adiantam no conhecimento do verdadeiro direito, aquelle que só é baseado na sciencia, a mór parte das reformas consiste em supprimir o que até alli embaraçava os cidadãos no exercicio de suas industrias, deixando-lhes mais ampla liberdade de acção.

Não precisa grande agudeza de vistas para conhecer que, graças a esses nobres esforços dos estadistas e da imprensa, proximo—e a bem dizer immediato—está o dia em que serão removidos os artificiaes embaraços que



impediam o Brazil de entrar na commu-
nhão monetaria das mais adiantadas nações;
collocando-se desde então este grande im-
perio em relações muito mais immediatas,
pelos multiplos canaes do seu commercio,
agricultura e industria, com os grandes mer-
cados de capitaes europeus, cujos naturaes
desejos de mais ampla fructificação os fará
obedecer á attracção irresistivel que sobre
elles exercerá este tão vasto, tão fertil, quão
pacífico paiz, onde, a partir d'esse dia pro-
ximo, se consideraráõ perfectamente garan-
tidos.

I

Seria noção erronea pensar que o meio
circulante de qualquer nação, seja elle de
ouro, de notas de banco, ou de papel

inconvertivel, pertence ao Governo dessa nação.

Esse meio circulante pertence ao povo, em cujas mãos se acha, e é propriedade de cada possuidor delle.

Se é de ouro, é por si proprio um valor real e intrinseco, não só onde foi cunhado, mas em qualquer parte do mundo para onde seja conduzido ; da mesma sorte que o é o algodão, o café, o ferro ou qualquer outra mercadoria.

Se é de papel no qual se promete pagar em ouro, e é effectiva a promessa, o portador dessa qualidade de meio circulante é credor do banco que emittiu tal papel, e logo que seja pago em ouro, terá no seu bolso em valor intrinseco o que tinha até alli na promessa escripta.

Se é de papel nõ qúal se promete

deslealmente pagar em ouro, o possuidor desse papel é credor do governo ou banco mentiroso; mas em todo o caso o valor representado — ou falsamente promettido — não é mais propriedade desse governo ou banco, embora depreciado pela negação do cumprimento da promessa: é propriedade do possuidor, pelo muito ou pouco que esteja valendo.

O Governo emissor, ou que deu curso forçado ás emissões do banco que lhe emprestou capitaes que elle Governo não lhe póde ou não lhe quer pagar, não se importa com a depreciação que esse titulo vai tendo enquanto está na mão do povo; e só tal depreciação lhe desagrada quando volta ás suas mãos, em pagamento de impostos; porque reconhece então o dito Governo que a sua authentica promessa compra menos

ouro, ou outras mercadorias, na razão do valor deste, do que está no referido titulo declarado.

Esse prejuizo que tem o Governo e que tem o povo não terá mais razão de ser, desde que o Brazil entre de novo na communhão da circulação monetaria livre.

A libra esterlina em ouro ou a nota do Banco de Inglaterra de cinco libras, que se acham nas mãos de um Francez, são propriedade deste e não do Governo Inglez ou do Banco de Inglaterra, quer esse Francez resida na Grã-Bretanha ou em outro paiz.

A primeira póde elle derretel-a e fabricar com esse ouro um par de brincos ou um annel, está no seu direito; a propriedade é delle, o cunho é só para provar que esse ouro é do toque de 22 quilates e pesa 7,98 grammas.

A nota do Banco de Inglaterra pôde elle vendel-a nas proximidades do par, a qual-quer cambista e em qualquer paiz, ou mandal-a ao banco buscar o equivalente em moedas iguaes á da referida libra que elle derreteu, e fazer dellas o que bem lhe aprouver.

Portanto, a falsa noção, mais geral do que muitos pensam, de que o dinheiro é propriedade do Governo, e está em circulação por bondade paternal do mesmo Governo, que quer enriquecer o povo com o presente grego de um meio circulante (que ainda assim não lhe dá de graça) que não é livre, nem de conservar o seu valor nominal, porque não pôde dilatar-se ou restringir-se á medida que o exigem as transacções, nem de communicar-se livremente com a circulação exterior; essa falsa noção carece ainda

infelizmente de ser exposta á observação de todos, para que o absurdo della a faça cahir de per si.

Todas as nações, em tempos proximos ou remotos, pagaram caramente um tal absurdo; não só a Inglaterra, França, Allemanha, mas todos os Estados, começando pelos de mais longo tempo esclarecidos, legislaram com a maior energia, applicando até a pena de morte, para manterem captivo dentro de seus limites territoriaes o dinheiro.

A perspicaz Inglaterra concedeu como favor especial á Companhia das Indias Orientaes exportar £ 30,000, comtanto que dentro de seis mezes as tornasse a trazer para Inglaterra, afim de que pudesse novamente exportar nunca mais do que outras tantas.

Sessenta e tres annos combateram os advogados da Companhia pela libertação do meio circulante nas relações internacionaes, allegando que era uma propriedade ou mercadoria como outra qualquer; até que em 1663 a Casa dos Commons revogou a antiga legislação, e concedeu liberdade completa á Companhia das Indias e aos mercadores em geral para exportarem numerario em quantidades illimitadas, convencida das grandes vantagens que de tal liberdade proviria á prosperidade nacional.

II

Captiva está ainda neste immenso Brazil a circulação monetaria.

A necessidade de medida de valor que apresente garantias da mais approximada

justeza, só poderá ser satisfeita quando a circulação monetaria brasileira obedecer a leis naturaes.

Ora, não poderá obedecer ás leis naturaes da offerta e da procura, *emquanto não fór libertada do artificio* que tolhe o principal elemento de vida, o motor indispensavel, do mecanismo social.

Esse elemento essencial de vida nas sociedades civilisadas é o dinheiro; e esse artificio é o acanhado molde do curso « forçado », adjectivo este que bem demonstra que tal curso não é natural.

Só depois de removido esse artificio, poderão Governo e Povo cessar de constantemente se affigirem com as grandes e rapidas variações no poder adquiridor do dinheiro brasileiro.

O Governo, que recebe as suas rendas no

papel inconvertivel que emittiu e emittie, vê-se obrigado a pagar em ouro (ou em papel ao preço a que estiver esse metal) tres quartas partes dos seus gastos, resultando-lhe, por conseguinte, *deficit* annual de 25 a 30 mil contos.

Se os recebimentos e pagamentos fôsem em padrão de igual valor, cessaria esse *deficit*. Isto quanto ao Governo propriamente dito.

Agora, quanto ao funcionario do Estado : recebe os seus honorarios igualmente em papel inconvertivel pelo valor nominal deste; porém tres quartas partes dos seus gastos são em ouro, isto é, no valor equivalente deste para com o papel inconvertivel, — porque tudo quanto compra nos armazens de comestiveis, fazendas, ferragens, etc., paga com mais papel inconvertivel ou

menos, conforme a depreciação deste na ocasião ; isto é, conforme o cambio: e, portanto, muito mais caro do que se o dinheiro do Brazil fôsse de igual valor ao do dos paizes de onde vêm essas mercadorias.

Dahi a difficuldade que sobrem aos ditos funcionarios, em realisarem economias para abrigar o futuro de suas familias; e isto cada vez mais difficil se lhes torna—á medida que mais baixa o cambio.

* Muitos funcionarios dos mais distinctos, por não terem a miudo occasião de se dedicarem a observar a depreciação do meio circulante brasileiro, se admiram de que, sem terem augmentado os confortos seus e de suas familias, não lhes chegue muitas vezes a mesma quantia, que lhes sobejava outr'ora.

A explicação disto é que a medida de

valor brasileira, achando-se alterada na pratica, isto é, na realidade, para menos, cada cidadão tem de dar mais papel depreciado em pagamento dos mesmos artigos que comprava outr'ora por menos.

E' o resultado de estar o Brazil fóra da communhão monetaria das nações.

(*) *Essa exclusão muito affecta igualmente a imprensa, e sobretudo a imprensa jornalística.*

Se não é com facilidade que os editores de livros podem elevar o preço das suas publicações, porque lhes difficultaria isso a venda, com menos facilidade ainda podem os jornaes elevar o preço.

(*) O que vai em seguida em italico foi supprimido na *Gazeta de Noticias*, por haver esta temido pudesse o publico suppôr que o empenho que tem tomado a imprensa no assumpto é por interesse proprio, como se o interesse proprio legitimo não fôsse justo!... e tão respeitavel como o interesse alheio!...

Ora, todos sabem, e sobretudo os que pertencem á industria jornalística, que a verba mais forte no custeio de um jornal é o papel.

Este é pago em ouro — isto é, medindo-se por francos ou libras esterlinas o papel-moeda ou numerario inconvertivel: o qual terão de pagar em tanto maior somma quanto mais depreciado estiver.

De modo que os orçamentos dos donos dos jornaes tornam-se semelhantes aos do Governo e aos dos funcçionarios do Estado: receita fixa, quanto ao valor nominal que recebem: despesa variavel, quanto ao valor effectivo que se vêm forçados a pagar.

Toda a população do Brazil passa por identicos sacrificios, que a desanimam; e tanto maior é o desánimo que, por falta de conhecimentos especiaes do assumpto, que não é possivel serem geraes a todos, não

póde na sua maxima parte atinar com a causa de não vêr coroados de feliz resultado os seus laboriosos esforços.

Ha uma classe importantissima, á qual parece, que a baixa constante do cambio é condição de opulencia.

Essa classe é a da lavoura, principalmente a do café.

Não nos será difficil provar que muito mais lucraria, se houvesse estabilidade de valor no meio circulante.

III

A prova de que a baixa do cambio não é condição de opulencia para a lavoura, sobretudo do café, é que:

Durante o mez de Janeiro de 1884 a taxa média do cambio sobre Londres foi de..	21 3/4
E o preço médio das vendas de café por 10 kilos.	Rs. 5\$031
Baixou nesse anno sensivelmente o cambio, chegando a média em Dezembro a...	19 3/8
E a do café a.....	Rs. 4\$273
Em Janeiro de 1880 :	
Taxa média do cambio.....	23 1/8
E o preço médio do café.....	Rs. 5\$537
Em Dezembro do mesmo anno:	
Cambio.....	22 3/8
Café	Rs. 4\$242
Em Janeiro de 1878 :	
Cambio	24 1/16
Café	Rs. 5\$621

E em Dezembro do mesmo anno:

Cambio	21 5/8
Café	Rs. 4\$340

E assim geralmente nas baixas sensiveis do cambio.

Ultimamente, havendo-se effectuado o emprestimo, em Londres, de £ 6,000,000, houve grande subida no cambio.

Veamos se houve baixa correspondente no preço do café: pelo contrario, subiu:

Em 27 de Fevereiro do presente anno estava o cambio

a.....	17 7/8
E o café 1. ^a regular, a.....	Rs. 4\$300
Seis mezes depois, em 27 de Agosto, encontramos o cambio a	21 1/2
E o café 1. ^a regular, a.....	Rs. 4\$500

e dahi para cá tem continuado a subir o preço do café, e o cambio firme.

Qual a causa de tudo isso ?

Está o cambio alto: isto quer dizer que o papel inconvertivel, que constitue o numerario corrente e unico no Brazil, está alto; logo, o preço, por exemplo, de 5\$000 os 10 kilos, corresponde (tomemos para argumento o cambio de 24 d.) approximadamente a 13 *cents.* por libra de café posto em Nova-York, e nestas bases está-se fazendo o negocio.

Por um motivo qualquer, de nova emissão de papel inconvertivel ou outra circumstancia influente na depreciação do numerario brasileiro, baixa o valor deste, isto é, baixa o cambio, por exemplo a 20 d.; é claro que é já preciso menos dinheiro de Nova-York, que é equivalente a ouro ao

par, para pagar o café no Brazil, o qual é pago no dito papel que baixou a 20 d., por exemplo, o que corresponde a 11 cents por libra.

Logo, panico nos possuidores de Nova-York, que precipitam vendas — para não ficarem com as cartas na mão : logo, maior offerta immediata nos mercados americanos e europeus do que a procura: logo, maior baixa continuada nos mercados estrangeiros: logo, baixa ainda maior no Brazil: logo, prejuizo para o fazendeiro.

Se o cambio sobe, dá-se o contrario ; porque ficando, por conseguinte, mais alto o custo do genero no Brazil, firma-se o preço nos mercados estrangeiros, e portanto continúa, com essa noticia, a subir no paiz productor.

Tudo isto é tanto-mais natural que, sendo

o Brazil, como effectivamente é, o maior productor de café no mundo, pois só elle produz pelo menos tanto como todos os outros paizes reunidos, é claro que deve ser elle o principal regulador das cotações nos mercados consumidores: e, por consequente, deverá o seu governo libertal-o quanto antes — do pesado jugo que lhe impôz — do papel inconvertivel: circulação livre no Estado livre: *hors de la liberté, point de salut*.

O mesmo se dá quanto á borracha, e pelas mesmissimas razões, senão ainda maiores; porque só o Pará e o Amazonas produzem no mundo a borracha fina.

A de outras procedencias, além de não ser muita, é toda de qualidades baixas.

Os donos dos grandes depositos nos mercados estrangeiros, dos referidos artigos —

café e borracha — com razão, pois, se assustam, á noticia do menor estremecimento do cambio no Brazil, temendo que elle mais baixe ainda; e a depreciação de valor dos productos brasileiros no exterior immediatamente repercute, com natural intensidade, nos mercados deste paiz.

IV

Com grande prazer acabamos de lêr em artigo de fundo do *Jornal do Commercio* de 19 deste mez, (*) sob o titulo *Estado Geral*

(*) Setembro de 1886. •

das Finanças, considerações magistraes que abrangem quanto poderíamos dizer sobre o assumpto que nos tem occupado ; as quaes, convenientemente estudadas, conduzirão ao alvo que têm em vista todos os que reflectem sobre a libertação dos embaraços artificiaes que privam por enquanto este grande paiz de attingir seus altos destinos.

Quando vemos as maiores illustrações do Brazil concordes sobre as vitaes reformas, facil é prever que bem proxima está sua realisação.

Já nos occupámos do café e borracha, em cuja producção o Brazil tem a primazia ; e, portanto, logo que tenha este paiz meio circulante livre, poderá dictar a lei nos mercados consumidores sobre os preços desses productos, que obedecerão ás leis naturaes da procura e da offerta.

Os direitos de exportação, a que estão sujeitos esses artigos, não lhes affectam muito a cultura, em razão de produzil-os o Brazil, como as estatisticas o provam, em maior escala do que todos os outros paizes reunidos; mas o mesmo não se dá com os dous generos que lhes são immediatos em importancia: isto é, o algodão e o assucar.

Porque d'este ultimo, a ilha de Cuba só, exporta quatro vezes tanto como todo o Brazil; e quanto ao algodão, não chega a exportação do d'este imperio a 3 %, comparada com o supprimento do de todos os paizes.

A causa de tão grande definhamento é que muitos logares no Brazil vêm-se impossibilitados de concorrer aos mercados consumidores d'esses artigos, porque além do direito de exportação que constitue para

taes logares direito prohibitivo, e de que está livre o americano, o egypcio, o indio, etc., seus rivaes, está igualmente sobrecarregado o producto brasileiro pelas difficuldades de comunicação com os portos de embarque para o exterior.

Ora, duas cousas se deve ter em vista: uma é alliviar o algodão e o assucar(*) do direito de exportação, e a outra é libertar o Brazil, e, portanto, as emprezas de caminhos de ferro e de navegação, do pesado jugo do papel inconvertivel que as opprime e lhes não deixa animar a lavoura com redução de tarifas e augmento de communições.

(*) Os direitos do Governo Geral sobre a exportação do assucar foram posteriormente supprimidos (20 de Outubro de 1887), ficando desde então só sujeita aos direitos provinciaes, que já existiam.

(Nota á presente edição).

Quanto mais baixo o cambio, mais depreciado fica o dinheiro brasileiro, e, por conseguinte, mais caro fica a essas emprezas todo o seu material e sua necessaria renovação, que têm de ser pagos em valor *effectivo*, isto é, em ouro; ao passo que sua receita é a taxa fixa, porque alto ou baixo o cambio, cobram os seus fretes e passagens pelo valor *nominal* do papel depreciado.

Eis, pois, o monopolio, a restricção imposta pela circulação de curso forçado, atrophiando a lavoura em geral, atrophiando a sua natural alliada, a industria de transportes.

Sobrevindo acaso (o que infelizmente não é impossivel) guerra estrangeira e estando os côfres dos bancos sem uma unica moeda de ouro, e sendo impossivel, como é natural, levantar emprestimo em Londres, para

gastos militares contra nação amiga da Inglaterra, o que abalaria interesses commerciaes desta, difficil situação seria essa para o paiz.

Todos os sabios do Brazil, perfeitamente accordes, conhecem os grandes males resultantes da acanhada circulação do papel inconvertivel, e não menos conhecem o remedio: facilimo para nação tão cheia de recursos e dirigida felizmente por esclarecido, estavel e patriotico Governo.

No parlamento e na imprensa têm sido perfeitamente discutidos e apontados os differentes meios de pagar o Estado o seu papel-moeda, autorisando simultaneamente a circulação de papel bancario de curso facultativo—por todo o Brazil.

Logo que seja realisada essa vital reforma, não haverá anemia nem pléthora

na circulação monetaria deste vasto imperio.

Igual á dos Estados-Unidos, á das ricas colónias da Australia, á da Nova Zelandia, para só fallarmos de paizes novos de assombrosa prosperidade, não ficará atraz delles a immensa região possuidora de mais riquezas por explorar que existe no mundo.

Examinemos de passagem o estado monetario actual do Imperio, e veremos a existencia de um meio circulante inconveniente para as transacções dos particulares entre si, e do Governo em seus meios de renda, e não menos em sua influencia sobre a sociedade.

Por circumstancias diversas, que não é occasião de enumerar, o papel-circulante sobe e desce de valor repentina e imprevistamente, e ninguem se pôde livrar das perdas que lhe pôde trazer.

Hoje a 27 o cambio, dahi a mezes a 30, e logo depois a 24 ou a menos, faz com que se não possa calcular se esta ou aquella transacção trará ganho ou perda.

SOUZA FRANCO.

*(Sessão da Camara dos Deputados
em 1º de Setembro de 1846).*

ERRATA

PAG.	LINHA	ERROS	EMENDAS
7	1	por que	porque
29	12	está a de	está a
46	1	expolial-as	espolial-as.

III. FAZENDA
D.A - NRA - GB

51445

COM. INVENTARIO
PORT. 114/73

